

## RESENHA DA AULA INAUGURAL DE MICHEL FOUCAULT: *A ORDEM DO DISCURSO* (1970)

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 5. ed. São Paulo: Aneas Edições Loyola, 1996.

Ao analisarmos a obra “A ordem do discurso”, de Michel Foucault, é importante destacar que, embora tenha sido originária de uma palestra proferida em 1970, ela continua extremamente relevante na contemporaneidade, configurando-se como uma referência fundamental para os estudos sobre poder, linguagem e produção do saber.

Michel Foucault foi filósofo, historiador, professor e crítico das relações de poder, do conhecimento e dos mecanismos de controle social. Na época a elaboração dessa obra, Foucault estava inserido em um contexto de intensas transformações sociais e políticas, tanto na França quanto no mundo, marcado, entre outros aspectos, pelos movimentos estudantis e feministas.

Suas reflexões emergiram em meio a questionamentos profundos sobre as estruturas de poder e as instituições tradicionais, em um cenário intelectual dividido entre perspectivas que buscavam padrões fixos para compreender a sociedade e outras que criticavam essas concepções, ressaltando a instabilidade e a complexidade das relações de poder. Atualmente, a obra mantém sua atualidade ao oferecer instrumentos para analisar as dinâmicas de poder em uma sociedade hiperconectada, na qual o discurso circula com maior rapidez e as disputas em torno do poder se tornam cada vez mais complexas.

Essa aula foi proferida no *Collège de France*, em 2 de dezembro de 1970, e posteriormente publicada em formato de livro. Nela, o autor apresenta o discurso como objeto e método de análise, investigando as regras e mecanismos que regulam sua produção, circulação e controle na sociedade. O autor não apresenta um modelo rígido de análise, mas propõe estratégias que facilitam a compreensão da linguagem por meio do discurso. Segundo o autor, o discurso é entendido como um ato de comunicar, transmitir e articular ideias em qualquer campo, seja por meio da fala, da escrita, do olhar, dos gestos ou de qualquer outro recurso que envolva uma comunicação. Foucault (1996) apresenta quatro estratégias metodológicas – inversão, descontinuidade, especificidade e exterioridade – que podem ser usadas ao analisar o discurso. Essas estratégias não são obrigatórias, porém ajudam o analista a entender e mapear cada parte do discurso.

Não há uma definição precisa sobre o início do discurso, no entanto, é relevante destacar que ele se desenvolve continuamente, explorando sua complexidade. Nesse sentido, Foucault apresenta uma reflexão sobre a natureza complexa do discurso: “pode ser que essa instituição e esse desejo não sejam outra coisa senão duas réplicas opostas a uma mesma inquietação: inquietação diante do que é o discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita” (Foucault, 1996, p. 7-8).

Outro fator importante, antes de adentrar nas estratégias indicadas por Foucault, é que o discurso é influenciado por diversos elementos, tanto externos quanto internos, que ele denomina “vozes”. Assim, “bastaria, então, que eu encadeasse, prosseguisse a frase, me alojasse, sem ser percebido, em seus interstícios, como se ela me houvesse dado um sinal, mantendo-se, por um instante, suspensa” (Foucault, 1996, p. 5).

Essas vozes, ligadas aos procedimentos externos de controle do discurso, representam aquilo que está fora do controle do sujeito, como a interdição, a separação, a rejeição e a oposição entre o que é verdadeiro e o que é falso. “Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (Foucault, 1996, p. 9).

A interdição é o que se refere às normas que determinam quais temas podem ou não ser falados, ou seja, “não se tem o direito de dizer tudo” e “não se pode falar de tudo em qualquer circunstância”, mesmo que algo é permitido falar, existe o momento e o local certo para se falar. A separação e/ou rejeição é o fato de que não é “qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa”, nem todo mundo tem autoridade para falar sobre determinado assunto, conhecido como tabu, algum tipo de proibição. E quando se fala em verdadeiro e falso entra o jogo de poder, a vontade de verdade, o que está em jogo, a quem interessa a verdade no momento.

Os procedimentos internos estão relacionados diretamente ao que está dentro do discurso. Esses procedimentos são atribuídos ao comentário, ao autor e à organização das disciplinas. São “procedimentos que funcionam, sobretudo, a título de princípios de classificação, de ordenação, de distribuição, como se tratasse desta vez de submeter outra dimensão do discurso: a do acontecimento e do acaso” (Foucault, 1996, p. 21).

O sujeito, por meio do comentário, começa a expressar suas percepções sobre determinado tema, com o objetivo de auxiliar aqueles que não compreendem o assunto. Por exemplo, em relação a textos considerados sagrados, como a Bíblia, o comentário

busca também exercer certo controle sobre a forma de leitura e interpretação desses textos. Além disso, o autor nem sempre desempenha o mesmo papel, pois muda de acordo com o contexto e o tempo em que se encontra. Ele organiza, conecta e dá sentido à linguagem, que poderia ser desordenada; por exemplo, atua como mediador.

A organização da disciplina diz respeito ao conjunto de técnicas que busca controlar e mapear o que vai ser dito ou não, só ficando o que está controlado, pois “a disciplina é um princípio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras” (Foucault, 1996, p. 36).

O autor considera o sujeito não apenas como mero transmissor de fala e escrita, mas ele é mais do que isso: o autor é um princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência, constituindo-se no ponto central do discurso. Isso significa que os discursos são moldados pelo contexto social em que são produzidos e que são utilizados para exercer poder por aqueles que o detêm. Na atualidade, os desafios estão relacionados à circulação das informações. Os conceitos de Foucault permitem compreender fenômenos como as *fakes news* e a influência dos algoritmos das redes sociais na seleção do que circula publicamente. Ao mesmo tempo, essa circulação é atravessada por mecanismos de exclusão e de controle, já que as plataformas sociais delimitam o que pode ou não ser visto.

Foucault (1996) explica que o discurso possui forças e perigos muitas vezes não percebidos. A linguagem não é um meio neutro de comunicação, mas exerce efeitos poderosos, como influenciar, dominar, ferir e também libertar. Além disso, o autor aponta que o discurso “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar” (Foucault, 1996, p. 10). Historicamente, ele era proferido apenas por alguns: “o ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados” (Foucault, 1996, p. 39).

Essa citação se torna especialmente relevante quando se observa, por exemplo, o funcionamento das redes sociais. Embora pareça que todos tenham voz nesses ambientes, ela continua marcada por mecanismos de seleção e exclusão, ou seja, pelo direito de falar,

de ser ouvido e de ter legitimidade. Mesmo vivendo aparentemente em uma democracia, o poder sobre o que circula permanece concentrado nas mãos de quem detém o controle.

Além dos procedimentos externos e internos, Foucault apresenta um terceiro grupo/procedimento de controle do discurso, que é a rarefação: “desta vez, dos sujeitos que falam; ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo” (Foucault, 1996, p. 37). Esse procedimento evidencia que o discurso está sujeito a controle e limitações, sendo necessário que o sujeito que o profere seja reconhecido como legítimo para falar sobre determinado tema. Algumas áreas do discurso são mais restritas e rigorosamente controladas. Assim é a rarefação, que corresponde ao controle de quem pode ou não falar.

Retomamos aqui as estratégias que Foucault propõe para conduzir a interpretação dessa linguagem por meio do discurso. O primeiro, é o princípio da *inversão*, ato de inverter os princípios de sua continuidade, ou seja, alterar a ordem, excluir determinadas ideias pré-existentes sobre determinado assunto ou discurso, mapear, recortar e identificar, para que possa aplicar a segunda estratégia que é a *descontinuidade*, ou seja interromper determinado discurso, fazendo com que ele não se propague, cessar e perceber as relações que tem com outro discurso. A terceira estratégia é a *especificidade*, “não transformar o discurso em um jogo de significações prévias; não imaginar que o mundo nos apresenta uma face legível que teríamos de decifrar apenas” (Foucault, 1996, p. 53).

Essa citação indica que, ao analisar um discurso, não se deve inserir previamente o conhecimento ou as expectativas do pesquisador na análise. Em outras palavras, ao realizar uma pesquisa, não se deve partir de um resultado já esperado, pois isso contradiz o princípio da investigação; caso contrário, não haveria necessidade de pesquisar ou analisar algo de forma verdadeira. Na atualidade, é importante mencionar também o uso de ferramentas de inteligência artificial, especialmente em pesquisas acadêmicas. Assim como Foucault analisava o poder e a circulação do conhecimento, hoje a produção do saber pode ser influenciada pelo modo como utilizamos a tecnologia, que, em alguns casos, pode antecipar etapas da escrita. Por isso, é fundamental manter o pensamento crítico e o rigor metodológico.

É preciso permitir-se ser descoberto pelos resultados, pois isso pode levar à descoberta de novas particularidades sobre um determinado povo, por exemplo. A quarta

e última estratégia é a *exterioridade*, que, segundo Foucault (1996, p. 53), é “a partir do próprio discurso, de sua aparição e de sua regularidade, passar as suas condições externas de possibilidade, àquilo que dá lugar à série aleatória desses acontecimentos e fixa suas fronteiras”. É preciso, após analisar todos os fragmentos do discurso, verificar as condições externas que permitem sua existência, compreendendo os contextos históricos e sociais que tornam certos discursos possíveis e outros impossíveis.

O autor ainda expõe que para analisar o discurso é necessário entender “quatro noções devem servir, portanto, de princípio regulador para a análise: a noção de acontecimentos, a de série, a de regularidade, a de condição de possibilidade” (Foucault, 1996, p. 54). Conclui-se que, embora o discurso tenha sido proferido em 1970, trata-se de uma obra de grande relevância para compreender como o discurso influencia a vida das pessoas, especialmente em um momento marcado pela desinformação e pela intensa circulação de conteúdos, sobretudo nas redes sociais. Além disso, a obra oferece uma ferramenta metodológica que auxilia na análise do que é produzido e divulgado, de quem está por trás desses discursos e de quais interesses eles atendem. Ela permite compreender as complexas relações de poder, a circulação e a produção do conhecimento em diferentes contextos sociais, bem como a forma como os sujeitos são moldados por essas práticas sociais e pelo discurso.

Embora a obra seja essencial para compreendermos as relações de poder na contemporaneidade, aponta-se como limite a ausência de uma abordagem que problematize as diferentes formas de opressão, como questões étnicas, de raça, gênero e classe social. Lacunas como essas podem ser discutidas a partir do diálogo com outros teóricos que enfatizam que todo discurso não existe isoladamente, bem como com autores que analisam o discurso e o poder nos contextos digitais.

No campo educacional, a obra contribui para questionar de que maneira o poder da hegemonia dominante se manifesta, mesmo em espaços aparentemente neutros. Outro ponto importante é que a análise do discurso possibilita refletir sobre como as plataformas digitais controlam o que pode ou não ser divulgado. Além disso, ela ajuda a compreender por que alguns sujeitos têm mais oportunidades de visibilidade, já que os algoritmos privilegiam determinados conteúdos, e a analisar a velocidade com que as informações, algumas verdadeiras, outras falsas, se espalham nas redes e influenciam a opinião pública.



Em síntese, a análise do discurso permite compreender, não apenas no campo educacional, mas também no social, que o poder não se manifesta de forma explícita, sendo exercido também por meio de estruturas aparentemente neutras, como as mídias sociais. O controle sobre quem pode falar e quais conteúdos têm maior visibilidade possibilita refletir sobre as desigualdades no acesso e na circulação da informação. Nesse sentido, torna-se pertinente pensar em estratégias educativas e de pesquisa que promovam a participação mais crítica e consciente dos sujeitos, ampliando o entendimento sobre o papel do poder e da informação na sociedade contemporânea.